



O ENSINO DOS CLÁSSICOS DA POLÍTICA COMO PHÁRMAKON: O CASO DE MAQUIAVEL

Elson dos Santos Gomes Junior ¹

RESUMO

Maquiavel vivenciou um momento de grande importância para a história ocidental. O chamado renascimento marcou a transição da sociedade feudal para a sociedade moderna. Neste sentido, não visto como simples ruptura, este processo apresentou várias manifestações em campos distintos do conhecimento, entre os quais, a filosofia, as artes, história, entre outros. Neste quadro de mudanças profundas, disputas comerciais, territoriais, institucionais, morais e religiosas agitaram a Europa. Este foi o contexto em que Maquiavel escreveu sua principal obra: O Príncipe. Esta apresenta uma experiência que vai da plenitude à decadência e aprisionamento do florentino. Desta perspectiva, este artigo aborda sua importância e atualidade no ensino de Ciências Sociais (Política) através do conceito de phármakon. Para a construção de tal perspectiva, a metodologia usada para este trabalho está pautada em uma análise da citada obra de Maquiavel e de alguns comentadores considerados clássicos. Assim, o processo analítico que culminou com uma proposta de restauração do príncipe mostrou-se importante como uma forma de postura resiliente do sujeito diante das adversidades históricas. Como resultado desta proposta de ensino, este trabalho conclui que a relação do educando com as obras clássicas, quando voltada para análise de sua própria vida, se faz através da aproximação desta com a possibilidade de ação resiliente construída cotidianamente durante o curso.

Palavras-chave: Maquiavel, O Príncipe, Phármakon.

INTRODUÇÃO

Maquiavel vivenciou um momento de grande importância para a história ocidental. O chamado renascimento marcou a transição da sociedade feudal para a sociedade moderna. Neste sentido, não visto como simples ruptura, este processo apresentou várias manifestações em campos distintos do conhecimento, entre os quais, filosofia, artes, história, entre outros. Neste quadro de mudanças profundas, disputas comerciais, territoriais, institucionais, morais e religiosas agitaram a Europa. Este foi o contexto em que Maquiavel escreveu sua principal obra: O Príncipe.

Esta apresenta uma experiência que vai da plenitude à decadência e aprisionamento. Desta perspectiva, seu estudo e importância que irrompe a atualidade se faz pelo caráter de phármakon desta obra. Para a construção de tal perspectiva, a metodologia usada para este

¹ Graduado em Bacharelado em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, elsonuenf@yahoo.com.br;



trabalho está pautada em uma análise da citada obra de Maquiavel e de alguns comentadores considerados relevantes para este propósito.

O processo analítico que culminou com uma proposta de restauração do príncipe mostrou-se importante como uma forma de postura resiliente do sujeito diante das adversidades históricas. Desta forma, mesmo diante de acontecimentos de desestruturação, aprisionamento, dor e outras formas de crise histórica e pessoal, tornam-se possível o vislumbrar de um horizonte de retomada. Este, através da busca de um ponto de restauração histórica, pode ser entendido como um momento pessoal possível de ser retomado. Assim, olhando da perspectiva do sujeito, este encararia os conceitos de *virtú* e *fortuna* como formas de realocá-lo na cena histórica. Desta forma, seria possuidor de estratégias para os eventos corriqueiros da vida e que são comumente experimentados forma negativa.

Essa discussão nos aproxima de alguns pontos norteadores da filosofia como *phármakon*. Primeiro, a valorização da experiência histórica e do aprendizado que pode proporcionar para acontecimentos futuros. Segundo, a capacidade de desenvolver atitude resiliente ao buscar retornar a um momento de sucesso enquanto ser. Terceiro, considerar a virtude (*virtú*) como algo possível de ser desenvolvido e valorizado através da experiência. Assim, sua aquisição passa pela perspectiva de que o sujeito possui controle sobre determinadas instâncias da vida e que cabe a ele a responsabilidade pela realização de tais mudanças.

Estas, por sua vez, ocorrerão à medida que forem exercidos os conhecimentos adquiridos com as dores, frustrações, erros, ou seja, as angustias. Com isso, este trabalho apresenta como conclusão que a obra “O Príncipe”, além de ser pensada em âmbito político com a preocupação principal de manutenção do Estado, pode ser pensada como uma filosofia para a resolução de problemas pessoais; ou seja, como um manual de medidas importantes para a retomada do sujeito em meio as adversidades da vida, em um mundo em constante mudança.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo uma análise da obra “O Príncipe”, de Maquiavel. O objetivo é mostrar que esta pode contribuir para o campo educacional de forma relevante e diferenciada do que, até o presente, foi tratado de inovador a respeito das possibilidades analíticas desta obra.



Para isso, analisaremos a obra na perspectiva da filosofia como *phármakon*, extraindo uma contribuição relevante para a filosofia com propósitos educacionais. Assim, mais do que pensarmos o ensino de conceitos e da própria história do pensamento filosófico, apontaremos para uma forma de ensino aplicado de filosofia (KOHAN, 2012; RASTROJO et. al, 2014).

O percurso explicativo escolhido envolve a apresentação da filosofia aplicada como *phármakon* e, em seguida, a análise da obra de Maquiavel, considerando a apreciação de um aparato farmacológico e resiliente como instrumento de educação para manutenção de uma vida feliz.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre a obra de Maquiavel, sabe-se que estimulou grande produção envolvendo uma miríade de interpretações. De acordo com Berlin (2009, p.171-172), esta produção trouxe leituras que o apresenta de inúmeras maneiras. Nesta diversidade, sua obra máxima “O Príncipe”, foi, por muitos, debatida. Assim, desde “sátiro” e “admoestador” à “anticristão” e “angustiado humanista”, vêm, apesar de leituras até mesmo díspares, mostrando sua relevância para a atualidade.

Esta que está indiscutivelmente relacionada a contribuição para o entendimento das relações políticas e da manutenção do Estado, não se resume, como dissemos, a estas esferas. Estudos apontam para discussões que buscam compreender em Maquiavel conceitos como “liberdade” (COLISH, 1993), “cultura” (BURKHARDT, 2009), a fundação da filosofia política moderna (MESNARD, 1956), entre outros. Apesar disso, podemos ver autores que ainda trazem interpretações que vislumbram uma “originalidade” nos escritos do pensador florentino (BERLIN, 2009).

Ao salientarmos estas possibilidades, nos propomos a tarefa de, também, contribuir com uma reflexão que possa expressar originalidade e, ao mesmo tempo, contribuição para os estudiosos das veredas filosóficas legadas por Maquiavel. Nesta perspectiva, propomos uma interpretação de sua obra que considere a dimensão *phármakon* contida em “O Príncipe”.

Esta concepção filosófica a realoca para uma dimensão “clínica” (RATROJO, 2014), e possibilita pensarmos o seu papel na educação atual. Assim, caso colocássemos como questão o potencial da filosofia para ajudar jovens em conflitos pessoais presentes em nossas escolas, poderíamos apontar, dentre tantos possíveis, um caminho apresentado por Maquiavel.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência histórica

De acordo com Burkhardt (2009), o contexto histórico em que Maquiavel escreveu “O Príncipe” foi marcado mudança e instabilidade na Itália. Entre estas podemos citar as disputas entre reinos por territórios e domínios comerciais, ascensão de escritores paralelos aos escritos cristãos (como os escritores de novelas e artistas), realocação do papel das mulheres, renovação artística, entre outras. Junto a isto, podemos citar a virada antropocêntrica em pleno curso. Como bem descreve Mesnard (1956, p. 20), esta conjuntura traz uma característica importante contida em sua obra: a mudança.

Maquiavel (1991) apresenta uma sociedade que muda e, em alguns casos, pode ser cruel com aqueles que não se preparam para as intempéries causadas por estas avalanches sociais. Por isso, “O Príncipe” nos convida a sermos prudentes com nossa existência política que, pensando em termos atuais, pode muito bem ser encarada como uma existência do sujeito frente aos dramas sociais. De acordo com Berlin:

Com os escritores romanos cujas ideias estiveram constantemente em sua mente, como Cícero e Lívio, Maquiavel cria o que os homens – em todo caso os homens superiores – buscavam era a satisfação e a glória provenientes da criação e a manutenção, através do esforço comum, de um todo social forte e governado. Isso será realizado apenas por quem conhece os fatos relevantes. Se você comete erros e vive enganado, falhará em qualquer coisa que tente pois a realidade mal entendida – e pior ainda, ignorada e desprezada – sempre o derrotará no final. Nós podemos alcançar o que queremos ser só se nos comprometermos, primeiramente, a nós mesmos, e então a natureza do material com o qual trabalhamos (BERLIN, 2009, p.182-183)².

Neste sentido, a experiência histórica aparece em Maquiavel como uma busca por um momento de felicidade, de tranquilidade e de força. O horizonte histórico figura como uma via norteadora capaz de mostrar um momento de florescimento, logo, um caminho para uma ação resiliente. Desta forma ocorre uma ligação entre o presente caótico e o passado glorioso, tornando possível verificar que “as reflexões e os problemas relatados ajudam o leitor estudante a aperfeiçoar as suas reflexões e a avançar na formação e compreensão de si

² Tradução nossa.



mesmo” (SANGALLI, 2014, p.66). Além disso, instrumentaliza o sujeito na compreensão de seu tempo.

Este caráter preventivo é expressamente apresentado por Maquiavel como uma forma de resposta para as intempéries da vida. Contudo, longe de ser elaborado pela simples reflexão, passou pelo crivo da experiência histórica. Com isso, ganhou status de “remédio”. Assim, tratando do momento forte da Itália no período do império romano, afirma que:

(...) fizeram o que todo príncipe prudente deve fazer: não só remediar o presente, mas prever os casos futuros e preveni-los com toda a perícia, de forma que se lhes possa facilmente levar corretivo, e não deixar que se aproximem os acontecimentos, pois deste modo o remédio não chega a tempo, tendo-se tornado incurável a moléstia (MAQUIAVEL, 1991, p.12).

A ênfase dada por Maquiavel (1991) à história torna-se mais abrangente quando a salientamos da perspectiva do sujeito. Assim, pensar sua obra de forma educativa e atual significa realocar o uso da história. Neste movimento ela passa a contribuir para a formação do sujeito enquanto agente que, apesar de certa dimensão de controle, necessita entender os desajustes e a relação destas com sua existência no mundo. Desta maneira a história ganha contornos, ao mesmo tempo, educativos e preventivos. Para Sangalli:

Consideramos importante pensar na estreita relação, direta ou indireta, entre o passado e o presente, bem como nas questões éticas e educacionais com base em sua aproximação com a história refletida da experiência humana. Buscar na produção literária do passado subsídios para compreender e aprofundar as questões do presente é uma estratégia metodológico-educativa que faz jus à proposta de função social da história (...) (SANGALLI, 2014, p. 67).

Esta concepção a respeito do papel da história, quando tomada para a vida de um sujeito atribulado com o mundo e os variados questionamentos e perturbações possíveis, possibilita a construção de um domínio de si. A esta capacidade de se posicionar frente as adversidades e se colocar como sujeito capaz de buscar alternativas, dá-se o nome de resiliência. Veremos a seguir o que Maquiavel tem a nos dizer a respeito disso.



Maquiavel e a resiliência

Etimologicamente, resiliência é uma palavra que remete a ideia, presente na física, de retorno ao que era. Segundo Brandão (2011, p.265), vindo do Latim *resilio*, “seria derivada de *re* (partícula que indica retrocesso) e *salio* (saltar, pular), significando saltar para trás, voltar saltando”.

Em Maquiavel este salto é construído através da história, mas não se encerra em uma simples constatação. Antes, propõe uma confrontação do sujeito através de dois conceitos importantes em sua filosofia, ou seja, “*fortuna*” e “*virtú*”. Estes conceitos, além de equivalerem a formas distintas de tratamento da história, evidenciam, segundo Mesnard (1956, p.22), uma filosofia da instabilidade. Maquiavel mostra sua proposta de resiliência justamente por apontar, via olhar histórico, o caminho de volta.

Este caminho se faz necessário, além dos desdobramentos históricos, por algumas características da natureza humana. Nestes termos, Maquiavel revela uma antropologia que, segundo Bignotto (2008, p.79), não se caracteriza por uma antecipação metodológica da ciência chamada antropologia. Antes, apresenta uma “antropologia filosófica” que se caracteriza por certa ideia de homem. Para Maquiavel:

É que os homens geralmente são ingratos, volúveis, simuladores, covardes, e ambiciosos de dinheiro, e, enquanto lhes fizeres bem, todos estão contigo, oferecem-te sangue, bens, vida, filhos, como disse acima, desde que a necessidade esteja longe de ti. Mas, quando ela se avizinha, voltam-se para outra parte. E o príncipe, se confiou plenamente em palavras e não tomou outras precauções, está arruinado. Pois as amizades conquistadas por interesse, e não por grandeza e nobreza de caráter, são compradas, mas não se pode contar com elas no momento necessário. E os homens hesitam menos em ofender aos que se fazem amar do que aos que se fazem temer (...) (MAQUIAVEL, 1991, p.70).

Em sua antropologia, Maquiavel descreve um homem que está em desacordo com a própria ideia de si elaborada ao longo da história. Assim, o homem medieval subjugado ao caminho único e perpétuo de integração com Deus e comparado sempre a sua grandeza, abriu espaço para um homem que consegue viver bem com uma nova natureza. Desta vez, longe de almejar o divino, almeja-se o poder. Além disso, esse homem tende mais facilmente a busca pelo poder e seus interesses do que ao amor.



Desta condição atribulada de existência, as duas maneiras principais em sua filosofia de tratar este retorno são apresentadas como vias que se caracterizam primeiro, pela crença de que as coisas poderão melhorar independentemente da participação efetiva do sujeito e, segundo, com sua intervenção direta através da aplicação de conhecimentos adquiridos. Para Sedek:

(...) o estudo do passado não é um exercício de mera erudição, nem a história um suceder de eventos em conformidade com os desígnios divinos até que chegue o dia do juízo final, mas sim, um desfile de fatos dos quais se deve extrair as causas e os meios utilizados para enfrentar o caos resultante da expressão da natureza humana (SEDEK, 1998, p.19).

Essa natureza caótica, como dissemos, pode ser tratada através do conceito de “*fortuna*”. Nesta perspectiva, trazendo o debate para a dimensão do sujeito, ele contaria com uma expectativa de que as coisas devam se encaixar para seu bem-estar. Desta maneira, não haveria necessidade de intervenção direta do sujeito. Este veria a história como movimento capaz de trazer-lhe o necessário para uma vida feliz. Segundo Sedek:

A fortuna não tem mais como símbolo a cornucópia, mas a roda do tempo, que gira indefinidamente sem que se possa descobrir o seu movimento. Nessa visão, os bens valorizados no período clássico nada são. O poder, a honra, a riqueza ou a glória não significam felicidade. Esta não se realiza no mundo terreno. O destino é uma força de providência divina e o homem sua vítima impotente (SEDEK, 1998, p.21-22).

Por outro lado, a “*virtú*” mostra que o homem possui um aprendizado que pode servir-lhe de forma que, os movimentos cíclicos da história, não o aprisione em um círculo negativo de despreparo perante o mundo. Neste sentido, ser virtuoso é ser um sujeito capaz de aplicar o conhecimento acumulado com a sua experiência de vida e não deixar que problemas velhos lhe traga novas dores e/ou sofrimentos. Como bem afirma Sedek (1998, p.23), a *virtú* é a chave de sucesso, justamente, pelo fato de que, mais que a força, ela está relacionada à “manutenção da conquista”. E não dá pra ser resiliente sem esta característica.



Experiência e virtude

Para Maquiavel a experiência histórica é um caminho de desenvolvimento humano, mas este desenvolvimento não acontece pelo simples fato do sujeito existir. Apropriada desta maneira, sua filosofia conduz a resiliência. Assim o existir passa a ser uma forma de colheita farmacológica, que se mantém quando o sujeito opta em fazer da sua vida, mesmo compreendendo as piores experiências, uma forma de aprendizagem.

Neste sentido, quando Maquiavel (1991) escreveu “O Príncipe” baseando-se em suas próprias vivências, ele nos legou um aprendizado que passou pela distinção entre experiência e virtú. Mesmo sem fazer da primeira um conceito delimitado em sua filosofia, implicitamente, não deixa de ter importância em sua obra.

Com isso, falar em experiência em Maquiavel é falar de uma existência que passa pela vida e pelos conflitos, sem com isso, esperar que tais acontecimentos retornem. Estes episódios são experimentados como se a vida fosse sempre devir. Assim, sua preocupação em escrever uma obra com propósitos preventivos, como bem salientou Sedek (1998) sobre manter o que se conquista, é conduzir o homem a uma capacidade de reconhecimento da possibilidade de perigo.

Esta condição pode se tornar frequente quando a história é pensada com um olhar heraclítico, ou seja, como se os acontecimentos fossem sempre diferentes (REALI e ANTISERI, 1990). Não. Para Maquiavel a história é cíclica, no entanto, esta só avança do patamar de simples experiência se o sujeito apreendê-la como instrumento para solução de problemas e acomodação no mundo. Este, por sua vez, se mostra conflituoso, por ser objeto de disputa do ser humano e de sua natureza deturpada e belicosa. Segundo Sadek:

A história é cíclica, repete-se indefinidamente, já que não há meios absolutos para “domesticar” a natureza humana. Assim, a ordem sucede à desordem e esta, por sua vez, clama por uma nova ordem. Como, no entanto, é impossível extinguir as paixões e os instintos humanos, o ciclo se repete. O que pode variar – e nesta variação encontra-se o âmago da capacidade criadora humana e, portanto, da política – são os tempos de duração das formas de convívio entre os homens. O poder político tem, pois, uma origem mundana. Nasce da própria “marginalidade” que é intrínseca à natureza humana. Além disso, o poder aparece como a única possibilidade de enfrentar o conflito, ainda que qualquer forma de “domesticação” seja precária e transitória (SADEK, 1998, p.20).



A experiência vivenciada, sem apropriação de qualquer aprendizado que sirva para prevenção de acontecimentos futuros passa, neste sentido, a ser uma condição de expectativa sem instrumentos para os problemas que vierem a surgir. Neste sentido, na perspectiva que nos interessa – a do sujeito diante da realidade histórica – o sujeito não poderá desenvolver uma personalidade com poder.

Como bem salientou Berlin (2009, p.210), Maquiavel não foi defensor de uma “teoria abstrata”. Essa defesa encontra respaldo justamente em sua percepção da contribuição que a história poderia dar para a resolução de problemas, principalmente, pelo fato destas terem passado pelo crivo da história. Assim, a história para os que buscam vencer e desenvolver alguma forma de poder diante das adversidades e conflitos, passa da experiência para a virtude.

A virtude em Maquiavel é uma forma de exercício do poder (SADEK, 1998). Não basta ter conhecimento, antes é necessário estar apto para o exercício deste conhecimento. Neste sentido, ser virtuoso é se afastar de uma noção cristã de virtude. Ela não se encontra em fazer o bem e perdoar sempre. Antes, contra sua razão de ser na capacidade de fazer o que for necessário para a manutenção do reino – neste caso, do equilíbrio do sujeito. Contudo, segundo Maquiavel (1991), é uma postura transitória.

O ser virtuoso é uma condição de amadurecimento onde o sujeito passa a buscar em suas experiências um caminho que o conduza de volta ao controle de sua vida e de seus planos. É intrinsecamente belicoso, pois necessita mudar sua condição diante de adversidades que podem destruí-lo enquanto sujeito autônomo. Segundo Mesnard (1956, p.24), em Maquiavel existe uma técnica para a conquista do poder e “essa técnica se adorna com a palavra virtude”³.

Disso, podemos compreender que em sua filosofia a virtude é uma condição de existência, uma evidência de amadurecimento e educação através de uma experiência refletida e internalizada como aprendizado sobre o mundo e sobre si. No primeiro caso, entendendo que a história possui manifestações de configurações cujas técnicas de intervenção podem ser aplicadas inúmeras vezes. No segundo caso, se colocando como sujeito portador do poder de intervenção e de ação. Com isso, apesar de saber que, muitas vezes a resolução de seus problemas não dependerá apenas de si, terá um leque de informações disponíveis para saber como planejar sua intervenção e possível mudança.

³ Tradução nossa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do desafio de pensar a filosofia de Maquiavel como *phármakon*, acreditamos que este trabalho possa ter contribuído com uma linha interpretativa de relevância para o tema. Assim, pensando de forma mais ampla, ou seja, a filosofia e sua importância para a formação humana, Maquiavel certamente nos legou uma proposta de orientação para um mundo cada vez mais complexo e não menos belicoso que o seu.

Com isso, sua contribuição nos alertou para o fato de que, diante de tantas adversidades, se torna cada vez mais urgente perscrutarmos sua filosofia para problematizarmos outros temas e, além disso, outras perspectivas de aplicação e entendimento de estratégias e conceitos que, muitas vezes, damos por resolvidos e/ou esgotados.

A filosofia como *phármakon*, além da obra de Maquiavel, pode se consolidar como instrumento fundamental na educação para além de conteúdos e modelos educacionais de massa. Por isso, acreditamos que todo exercício em prol deste direcionamento encontra validade na complexa condição de existência da humanidade em tempos atuais.

REFERÊNCIAS

- BERLIN, I. El estudio adecuado de La humanidad. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- BIGNOTTO, N. A antropologia negativa de Maquiavel. *Revista Analytica*. vol. 12, n. 2, p. 77-100, já./jun. 2008.
- BRANDÃO, J. M. et al. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Revista Paidéia*. vol. 21, n. 49, p. 263-271, mai./ago. 2011.
- BURCKHARDT, Jacob. A cultura do renascimento na Itália: um ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COLISH, M. The idea of liberty in Machiavelli. In: CONNELL, W. J. Renaissance essays vol. II. Rochester: University of Rochester, 1993. p. 180-207.
- KOHAN, W. O. A filosofia e seu ensino como *phármakon*. *Revista Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 37-51, out./dez. 2012
- MAQUIAVEL, N. O príncipe. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- MESNARD, P. El desarrollo de La filosofía política em El siglo XVI. Puerto Rico: Ediciones de La Universidad de Puerto Rico, 1956.



RASTROJO, J. B. et al. Introdução à filosofia clínica e filosofia aplicada: avaliações e fundamentações. São Paulo: FiloCzar, 2014.

REALE, G.; ANTISERI, D. História da filosofia – Antiguidade e Idade Média. Vol. I. São Paulo: Paulus, 1990.

SADEK, M. T. Nicolau Maquiavel: o cidadão sem *fortuna* e o intelectual sem *virtú*. In: WEFFORT, F. C. Os clássicos da política. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 11-50.

SANGALLI, I. J. A conquista da felicidade via filosofia: o exemplo de Boécio. *Revista Trans/Form/Ação*. vol. 37, n.3, p.65-86, set./dez. 2014.